

A DESTRUIÇÃO DO CORPO E A EMERGÊNCIA DO SUJEITO: A SUBJETIVAÇÃO EM JUDITH BUTLER

Henrique Caetano Nardi¹

Raquel da Silva Silveira²

Silvia Maria Silveira³

RESUMO:

Este trabalho apresenta tópicos da discussão teórica da pesquisadora Judith Butler sobre as questões contemporâneas do gênero, com ênfase nas chamadas identidades “queer”. Esta autora articula a obra de Freud e Foucault, examinando as relações de poder na constituição da vida psíquica. A sexualidade é tomada como campo político. Da mesma forma, na presente discussão, um exemplo do cinema e o relato de um transexual operam como suporte ao questionamento da heterossexualidade compulsória, tal qual prescreve e legitima a cultura ocidental.

PALAVRAS-CHAVE: gênero; sexualidade; psiquismo; poder; identidade.

“O corpo não é um lugar sobre o qual uma construção tem lugar, é uma destruição que forma o sujeito. A formação desse sujeito implica o enquadramento, a subordinação e a regulação do corpo. Ela implica igualmente o modo sobre o qual esta destruição é conservada (no sentido de sustentada e embalsamada) na normalização” (Butler, 2002, 147).

Judith Butler é uma pesquisadora rigorosa e instigante. Ela ganhou destaque como uma das principais fundadoras dos estudos *queer* no cenário acadêmico e político norte americano e mundial. Ao trazer para a cena contemporânea os estudos das identidades *queer*, ampliou o alcance das questões de gênero que, durante muito tempo, por estarem nas mãos das feministas, enfatizaram apenas os estudos da feminilidade. A identidade *queer* é uma identidade sexual que se teatraliza e cujos exemplos são os transexuais, os casais de gays ou lésbicas, as novas

¹ Médico, Doutor em Sociologia, Professor do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² Psicóloga, Mestre em Psicologia Social pelo PPG em Psicologia Social e Institucional da UFRGS.

identidades homossexuais e as identidades que desestabilizam as identidades sexuais sejam homo ou heterossexuais, enfim, no dizer de Butler (2002, p.288), “*trata-se antes de uma subversão interna no seio da qual a binaridade é pressuposta e disseminada até o ponto em que ela cessa de fazer sentido*”⁴.

O livro de maior impacto dessa autora (*Gender Trouble*, cuja primeira edição data de 1990 e que ganha uma edição comemorativa em 1999 em razão de seus dez anos de sucesso) acaba de ser traduzido para o português pela editora Civilização Brasileira (Problemas de Gênero, 2003). Butler também é reconhecida por suas pesquisas que buscam estabelecer um ponto de enlace entre a teoria crítica social, principalmente a filosofia francesa contemporânea (o que os norte americanos chamam de “*continental philosophy*”) representada por Michel Foucault e os fundamentos teóricos da psicanálise. A discussão central de sua obra é o caráter essencialmente ético e político abertos pela psicanálise no que diz respeito ao “*tropo*” de nossas trajetórias de vida. Ao articular a obra de Foucault ao referencial psicanalítico, Butler busca compreender as relações de poder das quais emergimos como sujeitos e que são, original e simultaneamente, assujeitadoras e marcadas pela vulnerabilidade primária mas que carregam dentro de si as possibilidades da construção da resistência criadora à norma serializante (associada ao nosso desejo pela captura identitária) das formas de dominação próprias a cada contexto espaço-temporal.

O “*tropo*” é uma figura de linguagem (Butler é professora de retórica em Bercley e amplamente conhecida no campo da literatura) que deriva do grego “*tropicus*” e “*tropos*” que significa virada e do latim “*tropus*” que significa metáfora. O sentido que Butler privilegia inspira-se na perspectiva Nietzscheana da origem “perdida” do sentido (a cadeia dos signos). A “virada” representada pelo *tropo* de nossas vidas refere-se aos mecanismos intrínsecos ao regramento que nos subjugam e nos constitui (a lei) e que porta nele mesmo as possibilidades de resistência e criação de formas de ser e existir que possam exercitar o “cuidado de si” como prática reflexiva da liberdade.

A constituição do sujeito depende da destruição do corpo. “*Alma, prisão do corpo*”, de acordo com Foucault (1975), é a alegoria da formação do sujeito a partir do “inconsciente cultural” que delimita os sistemas implícitos dos quais somos prisioneiros. A única e primeira essência do sujeito é o desejo de existir, o qual só é

³ Médica Psiquiatra e Psicanalista.

⁴ As citações de Butler (2002) foram traduzidas pelos autores deste trabalho.

possível no humano a partir do desejo do outro. A cadeia simbólica e a rede significante está organizada a partir desta transformação do outro em “Outro” na constituição do ideal do eu.

Para Butler, o processo sublimatório é a forma pela qual o corpo desaparece e o sujeito emerge. Por meio da maestria de si mesmo, aprendida a partir da dependência do outro que marca o regramento social e sustenta o desejo de existir, o sujeito se constitui reiteradamente ao longo da vida. A repetição é a forma sintomática da reinstalação do poder que submete o sujeito na captura identitária. É a colagem apaixonada ao assujeitamento que garante a manutenção das formas de dominação.

Duas cenas serão discutidas neste texto como forma de pensar o exercício da psicanálise como metáfora das possibilidades de resistência/criação que marcam as possibilidades abertas pelo projeto político de Butler ao buscar a compreensão da vida psíquica do poder entre Freud e Foucault.

Explicitando o espectro dos gêneros

"Chamo-me Agrado porque em toda minha vida pretendi agradar aos demais, além de agradável, sou muito autêntica. Olhem que corpo! Feito a perfeição. Olhos amendoados: 80000 (pesetas), nariz: 200 - um desperdício porque numa briga fiquei assim, sei que me dá muita personalidade, mas se eu tivesse sabido não teria mexido em nada. Continuando... peitos: dois, porque não sou nenhum monstro, 70000 cada um, mas já estão amortizados. Silicone, onde? Lábios, testa, maçãs do rosto, quadris e bunda, o litro custa 100000. Calculem vocês porque já perdi a conta. Redução de mandíbula: 75 mil. Depilação definitiva a laser, porque a mulher como o homem vem do macaco: 60 mil/ sessão, depende dos pêlos de cada um, em geral duas a quatro sessões, mas se você for uma diva flamenca, vai precisar de mais. Como eu estava dizendo, custa muito ser autêntica, nessas coisas não se pode economizar. Alguém é mais autêntica quanto mais se parece com o que sonhou para si mesma" (fala de personagem do filme *Tudo Sobre Minha Mãe*, de Pedro Almodóvar, 1998).

Ao tomar a fala de um travesti sobre a construção de seu corpo e de sua luta para poder existir enquanto sujeito, vê-se ressaltada a impossibilidade de manutenção dos discursos normatizantes quanto à heterossexualidade compulsória.

A regulação social diz que o sujeito pode ser apenas homem ou mulher, e, como o sujeito só pode emergir a partir de uma ligação apaixonada ao assujeitamento, é preciso reconhecer-se num desses dois lugares.

Esse corpo travesti explicita um desvio e uma afirmação da norma, pois pode ser visto como uma resistência ao assujeitamento cultural – o qual lhe designaria a constituição de um gênero masculino vinculado ao seu corpo de homem - quanto ao assujeitamento à identidade de gênero feminino.

Agrado entra no jogo do poder, ao dar visibilidade a sua sexualidade “*desregrada*”, mas não entra no jogo para propor uma ruptura com a norma. Ao contrário, é um desejo de norma que o/a impulsiona.

A fala do personagem de Almodóvar revela o lado intersubjetivo da subjetividade: a intenção na mudança é o olhar do outro, é o Agrado ao outro. Ou seja, para que possa existir, Agrado precisa sentir-se desejada, construir a relação amorosa com o outro, o que nos faz pensar na confirmação da hipótese de Butler da constituição do sujeito como sendo uma ligação apaixonada ao assujeitamento.

A suposição de que está em andamento a construção de um devir mulher num corpo de macho, toma como verdade a existência de uma essência desejante no personagem (ser mais autêntica quanto mais se parece com o que “sonhou para si mesma”) de se transformar em mulher. A transformação marca a busca de uma essência feminina que pode ser alcançada na transformação do corpo, uma vez que se a essência deve ser biológica, como não se pode (ainda!!!) modificar a genética, pode-se marcar no corpo e buscar nele um feminino mais que feminino.

A fala de Agrado poderia ser a fala de qualquer mulher da sociedade contemporânea que faz as contas para modificar seu corpo a fim de modelá-lo dentro daquilo que a cultura demanda de uma imagem feminina atual. Um “inconsciente cultural” que impõe a necessidade de se ter um corpo escultural, fabricado para o espetáculo. Agrado, nesse sentido, evidencia o assujeitamento à norma, pois busca um corpo de mulher como dita a cultura.

Essa possibilidade de compreensão conserva a visão dualista da constituição dos gêneros, reduzindo as possibilidades de identidades de gênero a ser homem ou ser mulher, ancorada nas diferenças sexuais anatômicas.

A partir da discussão de Butler pode-se ampliar as interpretações binárias sobre a construção do gênero. Ela também utiliza a existência do travestismo para polemizar as identidades de gênero, assinalando que esse modo de ser revela a precariedade da metafísica da substância dos sexos. O gênero passa a ser

entendido como uma performance, uma construção dramática e contingente de sentido.

“Ao imitar o gênero, o drag revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero – assim como sua contingência. Aliás, parte do prazer, da vertigem da performance, está no reconhecimento da contingência radical da relação entre sexo e gênero diante das configurações culturais de unidades causais que normalmente são supostas naturais e necessárias (Butler, 2003, p.196).”

De uma certa forma, Agrado faz uma performance que a mantém no jogo estratégico da estrutura binária do gênero, que ainda é a forma legitimadora de constituição do sujeito. É uma forma de assujeitamento ao poder regulador ao qual ela está ligada apaixonadamente.

Para Butler existe uma gama variada de possibilidades de constituição de gêneros dentro do espectro polarizado pelas identidades de homem/mulher ou ainda de homo/heterossexual. Ao questionar a interpretação edipiana na constituição do sujeito, Butler se posiciona refutando o dualismo ontológico que separa o político e o psíquico. Toma o campo da sexualidade como luta política, na qual se faz necessária a destruição da binariedade dos sexos para emergência de novas possibilidades através de um amplo espectro de constituição dos gêneros, o que levaria a novas relações de poder.

Na primeira cena trazida, fez-se a suposição de que Agrado explicita o paradoxo do assujeitamento, pois se de um lado resiste ao seu corpo biológico que não acompanha o seu desejo homossexual, por outro lado, Agrado cai no assujeitamento ao regramento normativo ao reivindicar o reconhecimento nesse corpo de mulher, uma vez que o apego apaixonado ao assujeitamento é condição de existência.

Como contraponto desta situação traz-se outra cena no intento de buscar exemplificar como do apego apaixonado à norma surge a resistência, compactuando com o discurso Foucaultiano de que as relações de poder que nos constituem sempre produzem, como efeito, a possibilidade de resistir às formas de dominação legitimadas. A resistência é co-extensiva e contemporânea às relações de poder.

No X ENTLAIDS⁵, promovido pela ONG Igualdade – Associação de Travestis e Transexuais do Rio Grande do Sul, realizado em Porto Alegre, junho de 2003,

⁵ Encontro Nacional de Travestis e Liberados na Luta contra Aids e pela Cidadania, Direitos e Saúde. Realizado entre os dias 26 e 29 de junho de 2003.

um(a) transexual relata um pouco de sua história e de como entrou na militância pelo reconhecimento dos direitos da liberdade de escolha sexual. De nacionalidade colombiana, mas residente na Itália, após ter feito sua cirurgia de troca de sexos ele(a) vai ao “país santo” em busca do batismo. Essa cena faz pensar na necessidade de reconhecimento de uma identidade feminina sagrada, mulher-santa, em oposição direta ao reconhecimento social que a travesti ocupa na prostituição, mulher-puta, identidade na qual esta pessoa não queria ser reconhecida. A Instituição Católica negou-lhe o batismo, primeiramente, em função de sua nacionalidade e da possível ilegalidade no país e o estigma da vinculação ao narcotráfico. Para este primeiro impasse, a apresentação da documentação necessária foi suficiente para esclarecer a situação de legalidade. Todavia, um segundo obstáculo se apresentou com relação a sua identidade civil, na qual constava o sexo masculino em oposição a sua condição presente, que culminou por afirmar a negativa da concessão daquele sacramento.

Esta segunda cena também coloca a questão do assujeitamento, da necessidade de reconhecimento pela normatização dos gêneros. Entretanto, como foi negado o reconhecimento da Igreja ao seu novo gênero, este sujeito entra nos jogos de poder através de uma resistência. Ao se deparar com a impossibilidade de reconhecimento na norma, ele(a) instaura um movimento de ruptura nos discursos dominantes. Há um engajamento no movimento coletivo, na militância pelos direitos das travestis e transexuais, a busca de um pertencimento a uma outra lógica, na qual lhe é possível ocupar um lugar questionador, capaz de dizer publicamente:

- Nos chamam de doentes, mas toda a sociedade faz o que nós fazemos, ou seja, utilizam silicone, fazem cirurgias plásticas...

A própria condição de militância opera como reconhecimento ou demanda de reconhecimento de uma outra identidade que não seja homem ou mulher, denuncia pelo exagero performativo, a fragilidade da constituição identitária de gênero como coerente e totalizadora.

A agonística dos gêneros tem como palco o próprio corpo. Corpo de homem, corpo de mulher, corpo de travesti, corpo em transformação, resistindo ou docilizado.

O modo de ser travesti implica na destruição do corpo biológico como condição de emergência do sujeito. Pode ser visto como uma existência mais autêntica, cujo móvel é da ordem existencial mais do que erótica. Movimento de construção agonístico, não é uma escolha, mas sim uma condição de existência.

De uma certa forma, o travesti encena e revela a paródia dos gêneros, pois não existiria uma origem ligada ao corpo biológico, e sim a necessidade de uma destruição deste corpo, que ao ser investido de sentido pode dar condição para a emergência de um sujeito.

A vida psíquica do poder na construção do gênero

Butler, apoiada na psicanálise de Freud, tem uma proposta que *“pode, a primeira vista, parecer estranha, de pensar o gênero como um tipo de melancolia ou como um efeito da melancolia”* (Butler, 2002, p. 199). Sua argumentação emerge da afirmação freudiana em o *Ego e o Id* de que o luto inacabado se situa no centro das identificações que constituem o ego, pois o objeto perdido é incorporado e conservado fantasmaticamente no ego.

Assim, tomando como exemplo o Édipo negativo da menina – terminologia esta criticada por Butler – o seu apego ao objeto do mesmo sexo não deve sofrer substituição para outra figura feminina. Ela deve renunciar a possibilidade de um apego homossexual como condição de entrada no Édipo dito positivo, ou seja, o estabelecimento do que se chamou orientação sexual com apego, preferencialmente, a um objeto heterossexual. A menina estando sujeita a uma interdição que exclui a mãe como objeto de desejo, instala este objeto no Ego como identificação melancólica (sem luto), assim esta identificação contém o interdito e o desejo. Butler efetua o mesmo desenvolvimento argumentativo com relação ao gênero masculino, ao final do qual, afirma que a permanência do apego homossexual forcluído aterroriza ambos os sexos.

O interdito da homossexualidade opera numa cultura predominantemente heterossexual. Se a cultura renega o apego homossexual, pode-se pensar na *“(...) transição da melancolia considerada como economia especificamente psíquica à melancolia considerada como elemento do circuito do poder regulador”* (Butler, 2002, p. 214). Produzindo como efeito a consolidação de um discurso que naturaliza o gênero e legitima formas de dominação. Para esta autora, a melancolia produzida através da produção obrigatória da heterossexualidade constitui o gênero como performativo.

Butler propõe a discussão da naturalização do caminho coerente sexo-gênero-prática sexual-desejo. A luta política que possibilitou a visibilidade de novas formas de identidades sexuais não permite mais a manutenção das interpretações

binárias, a partir do entendimento edipiano clássico. O Édipo da psicanálise freudiana é construído dentro de um regime de verdades que naturaliza os sexos, que afirma que a biologia é o destino, e que propõe que uma vez alcançada a orientação sexual esta fica colada a uma identidade de gênero coerente, permanente e estável.

Nesse sentido, pode-se pensar o discurso psicanalítico como legitimador da cultura e portanto de uma passagem do destino da biologia ao destino da cultura.

“Em algumas explicações, a idéia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino” (Butler, 2003, pg.26).

A prática ética da psicanálise na atualidade impõe a reflexão crítica, uma vez que podemos pensar que a teoria psicanalítica (como fruto da cultura de uma época) sustenta uma explicação que legitima essa construção/investimento do simbólico no corpo que, de uma certa forma, é acompanhada do *a priori* biológico e desta forma produz um discurso de verdade.

Ao articular a obra de Freud a de Foucault, Butler nos permite discutir de que maneira construiu-se essa verdade do Édipo em torno (e no trono) do corpo biológico. As questões que Butler introduz permitem pensar as relações de poder no “seio” da constituição da psique e trazem elementos para refletir no interior dos discursos *psis* os efeitos do poder normatizador.

Referências Bibliográficas

BUTLER, Judith. *La Vie psychique du pouvoir – L’assujettissement en théories*. Éditions Léo Scheer, 2002.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero – Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.